

SITUAÇÃO

Amigo, aqui somos chegados ao meio de abril, mas ainda há ardências de verão, e inventaram a fila indiana dos ônibus. Pier Angeli foi-se embora sem me telefonar, quem me telefonou foi um amigo chegado de Paris, começou a contar umas histórias e ameacei começar a sentir saudades, mas depois desisti porque certamente seria preciso pedir licença à Cexim. Emoções locais também estão inacessíveis devido à Cofap, juro a você, minha vontade é passar uns tempos no interior, que tempo que eu não como um genipapo feito no forno com açúcar preto e cachaça, ou fruta-pão assada na manteiga no café da tarde com um cacarejo de galinhas lá fora no quintal, saudade de capoeira escurecendo com pios tristes de aves que vão dormir. Você vai ver, eu ainda este ano dou um jeito de soltar o corpo e a alma aí por dentro do Brasil, hoje eu estava lendo Saint-Hilaire e me deu inveja até das tristezas e aborrecimentos dele sofrendo de nervos e mosquitos e saudades da família numa choça miserável à beira do Piraquê Assu. Não, eu não pretendo me dedicar à lavoura, não sou louco, muita gente se espanta de vir tanta gente da roça para o Rio de Janeiro, eu me espanto é de ainda ter ficado gente lá trabalhando de sol a sol à-toa à-toa. É um país estranhamente abandonado o Brasil, dá vontade da gente comprar um sítio e fazer uma plantação de urtigas e maçã e criação de mosquitos de impaludismo e quando chegar um sujeito do governo para fiscalizar, taxar, multar, recensear, cheirretar de qualquer jeito a gente o convida para tomar um banho de açude, e no açude tem criação de sapo, sanguessuga, cobra e principalmente candiru; na reincidência, piranha. Queria ver se depois disso eles ainda falavam grosso, esses homens do governo.

Amigo, eu hoje não estou bom para escrever, só lhe dou um conselho, é ir ficando por aí mesmo, de palanque, bem longe para não sentir o cheiro, em todo caso se quiser voltar, que venha, mas entre devagar para não fazer marola, por favor, adeus

77/4/53

R. B.

375